

X — "A missão de França"

Da «Missão de Paris», partimos, imediatamente, a visitar a «Missão de França», em Lisieux. Que haverá mais ainda para ver?

Já sabíamos que a «Missão de França» tinha sido fundada em 24 de Julho de 1941, pela Assembleia dos Cardeais e Arcebispos e que ela se destinava a ser um seminário interdiocesano para formar sacerdotes destinados, não a uma diocese, mas à França. Sabíamos também que estes seminaristas, recebiam uma formação moderna, adaptada à vida pagã dos nossos dias e que tinham espírito missionário. As ideias, porém, não as tínhamos ainda bem claras e era preciso esclarecê-las.

Lisieux deixou-nos muita pena, tão martirizada a vimos. Mas isso

Regiões paganizadas — Questão de vida ou de morte — Férias passadas a descarregar navios — Sob a protecção de Santa Teresinha

contá-lo-emos numa crónica especial, que bem a merece.

Ao lado do Carmelo, fomos encontrar a Missão de França. Tudo estava em férias. Reinava o silêncio sobre aqueles muros. Nem superiores, nem «seminaristas». Apenas o P.^o Gray, Professor, nos recebeu.

— Tenho tanta pena de não encontrar aqui o P.^o Augros... balbuciámos, depois da apresentação.

— Mas eu tentarei explicarlhe. Venha comigo.

Subimos ao primeiro andar e o nosso amável cicerone conduz-nos diante dum grande mapa da França.

— O nosso país tem vastas regiões paganizadas. E apontava no mapa: aqui... por aqui abaixo, tudo isto. Regiões agrícolas e regiões industriais. Mentalidade pagã, vida pagã. Precisamente por isso, são poucas as vocações

(Continua na 6.^a página).

(Continuação da 1.^a página).

nestas dioceses, há muitas paróquias sem clero.

E voltan-do-se então para nós:

— Não podemos pensar em refazer cristã a França sem que estas «manchas» desapareçam. Poderemos fazer coisas admiráveis, noutras dioceses, lançar belas e poderosas organizações. O nosso trabalho será prejudicado, quase ineficaz enquanto não fizermos desaparecer da França todos estes núcleos pagãos que fazem função de maçãs podres num cesto de maçãs. Mas, para isso, torna-se necessário buscar vocações onde elas abundam, buscar seminaristas onde os há em abundância, e formar Padres não para o serviço da sua diocese, mas de todas as dioceses de França, sobretudo, das mais necessitadas.

— Mas isso é admirável! atalhamos. Preparar párocos, pregadores, apóstolos para as dioceses que os não têm parece realmente um grande passo em frente. E é

essa a função do Seminário da Missão, não é verdade?

— Se quiser. No fundo não é bem isso. Para repartir melhor o clero formado nos nossos seminários à maneira clássica não era preciso um novo seminário. Para conquistar e salvar almas, também não. Bastaria um generoso entendimento entre os Prelados. Mas o problema que se nos põe é muito mais sério. Não se trata de distribuir melhor Padres administradores de paróquias, nem de salvar mil, cem

mil, um milhão de almas a mais. Trata-se de refazer cristã uma sociedade, um ambiente, um «meio». Ora, para esta obra gigantesca, temos de preparar Padres capazes de pensar com o povo, de viver com ele, de agir com ele, de forma a poder revelar-lhe progressivamente o sentido de Cristo e da Igreja, de criar cristandades novas, fortes, evangelizadoras, sob a dependência da Hierarquia. Sem um clero capaz de o fazer, arriscamo-nos a ver aumentar fatalmente o laicismo (isto é, a separação mais completa da sociedade humana e da Igreja) ou então, a ver nascer e crescer, como noutros tempos, correntes de iluminismo. É necessário reagir contra uma certa concepção do sacerdócio que, sob o

pretexto de fazer do Padre um clérigo, acaba por colocá-lo na fileira das notabilidades burguesas ou por fazer dele uma espécie de monge. O Padre deve «incarnar-se», a fim de incarnar consigo a Cristo e a toda a sua potência de Vida, dando-lhe a eficácia do fermento na pesada massa humana. Tudo isto implica um problema de vestuário, de linguagem, de «standard» de vida, de «habitat». Mas mais do que isto uma questão de mentalidade. O Padre tem uma mentalidade burguesa, e o seu cristianismo é aliado as mais das vezes, a esta mentalidade. Existe também uma questão de civilização. O cristianismo, na sua expressão presente (teológica e litúrgica), na sua acção apostólica, está ligado a uma civilização passada. Por isso mesmo, anda cortado da civilização actual que, de facto, está condenada a ser pagã. Trata-se de incarnar o cristianismo numa outra mentalidade, numa outra civilização. É uma questão de vida ou de morte.

— Pensa então, como os Padres da «Missão de Paris», que é preciso que os Padres sejam povo, vivam com ele e como ele?

— Cristo fez-se Carpinteiro e nem por isso deixou de ser o Verbo de Deus. O Padre de Foucauld fez-se árabe sem dei-

Cristo. S. Paulo fez-se tecelão de tendas sem deixar de ser O Apóstolo.

O Senhor chamará talvez um dia, de qualquer maneira, alguns ou muitos Padres a fazer-se operários, artistas, agricultores: não para um simples estágio, mas de maneira permanente. Quem sabe o que nos reserva o futuro? Mas é preciso que todos esses saibam ser Padres e tanto mais Padres quanto menos o pareçam, no que o sacerdócio tem de essencial. O sacerdócio não é um assunto de comportamento nem de apresentação. É uma questão de alma, de vida profunda, de relação ontológica e psicológica com Cristo, de função redentora no Corpo Místico. É isto que é preciso salvar e tornar eficaz no mundo moderno.

E o P. Gray, dando-nos uma pequena brochura acrescentou, sorrindo:

— Tudo o que lhe acabo de dizer, está nesta brochura, ou melhor, neste artigo do Padre Augros. Medite-o e saberá o que pensamos.

— Então o Seminário de Lisieux é já concebido neste sentido?

— Completamente. Os nossos seminaristas estão em férias. Saiba onde as foram gozar?

— Faço, já uma idéia...

— Nas fábricas, nos caminhos de ferro, nos portos. Ainda há dias fui encontrar um a conduzir a máquina do combóio que me transportava, e a semana passada fui visitar uma equipe que trabalha no porto X, a descarregar navios. Alguns contentam-se, porém, com o cargo de serventes.

— E o Episcopado francês aprova tudo isso? perguntamos.

— Então imagina que viveríamos aqui, ao lado de S.^{ta} Terezinha, se não estivéssemos na mais perfeita união com a Hierarquia? Lembre-se que Santa Terezinha é a Padroeira das Missões e a grande apóstola dos Padres. É a nossa Padroeira, de nós, os da Missão de França.

A sineta do Carmelo chamava os fiéis para o terço. Levantámo-nos.

Pelo caminho, parecia-nos pisar as calçadas dum mundo novo. Aos pés dos despojos de S.^{ta} Terezinha, a Santa dos Missionários, nem fomos capazes de rezar. Lembra-nos de termos balbuciado, timidamente estas palavras: «se é assim que deve nascer um clero novo, não vos esqueçais da nossa terra, nem dos nossos seminaristas, nem dos nossos Padres».